

RESEÑAS

Bibliographical Reviews

1



RESEÑA de:/ BOOK REVIEW of: SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA (2020): *A Cruel Pedagogia do Vírus*. (Coimbra: Edições Almedina, S.A.), 32 pp. ISBN: 978-972-40-40-8496-1

A CARGO DE: / BY:
LUÍS AFONSO RODRIGUES MARTINS*

DOI: 10.5944/reec.38.2021.28955

Recibido: **23 de noviembre de 2020**
Aceptado: **28 de enero de 2021**

* LUÍS AFONSO RODRIGUES MARTINS: Doutorando de Educação na Universidade de Salamanca. Mestre em Ciências da Educação. Licenciado em Educação. Professor do 1.º Ciclo e Diretor do Agrupamento de Escolas de Prado. **Datos de contacto:** E-mail: afonso2002@gmail.com.

Em plena crise pandémica, causada pelo coronavírus, no ano 2020, Boaventura de Sousa Santos publicou a obra *A Cruel Pedagogia do Vírus*, na qual o autor problematiza as implicações políticas, económicas e sociais impostas ao mundo, que, há 40 anos, vive em agonia motivada pela adoção de políticas e modelos governativos de índole neoliberal, definidos pela eliminação das intervenções sociais e económicas públicas. Em boa verdade, o autor coloca-nos perante uma reflexão bem mais profunda, isto é, para além das questões imediatas, decorrentes do estado de emergência que os países atravessam, conduz-nos à reflexão em torno do problema maior: perceber os comportamentos e as opções perpetradas pelos decisores e líderes mundiais, cujos resultados constituem verdadeiros ataques à natureza e ao ambiente, sentidas, cada vez mais, pelos efeitos das alterações climáticas. Toda a obra constitui uma lição acerca das causas e dos efeitos de um vírus que, de uma forma global, desferiu um golpe brutal na economia mundial e obrigou a sociedade em geral a alterar hábitos de vida e de consumo, impondo um novo normal. Embora esta pandemia atinja todos de forma mais ou menos democrática, não excepcionando ninguém, mais uma vez, são os mais vulneráveis que ficam em situação ainda mais difícil.

Estruturada em cinco capítulos, de leitura acessível, a obra chama à atenção para a crise maior, cuja ideologia se encarregou de nos colocar perante uma falsa consciência, sendo a situação de pandemia o sinal de alerta, lembrando que vivemos em permanente estado de crise desde 1980, sendo esta última que explica tudo o resto e nos coloca perante uma circunstância que, no fundo, é duplamente anómala (a crise profunda e que dura há 40 anos e a crise pandémica). Alerta para a ausência de discussão de alternativas, em resultado do ambiente rarefeito do sistema político democrático, cuja origem se encontra no hipercapitalismo. No entanto, este estado de coisas não é compatível com a situação que se vive, pois exige-se mudanças drásticas. Descrevendo o surto viral como algo inclusivo, ou seja, que atinge todos, esvaziando a segurança da humanidade, o autor vai recordando que *Os fins não justificam os meios*. Boaventura coloca em discussão as consequências negativas com as consequências positivas resultantes das necessárias alterações ao comportamento humano, na medida em que o «abrandamento da economia», em resultado do confinamento, refletiu-se em melhorias ambientais. Por seu turno, a obra dá-nos conta que o comportamento dos países mais ricos, tendo por base as relações comerciais, se conseguem servir da pandemia para se atacarem na tentativa de assumir a liderança mundial. É na *sociologia das ausências*, que o autor traz à luz do dia as «zonas de invisibilidade», que representam, mais concretamente, a ausência de um Estado capaz de resolver e prevenir as dificuldades dos mais desfavorecidos e dos mais vulneráveis. A este respeito, encontramos um paralelismo com as ideias de Thomas Piketty (2014) na sua obra *O capital no século XXI*, na qual se pode perceber que a acumulação e a riqueza estão na origem das maiores desigualdades sociais e económicas.

O livro em análise compara a pandemia a uma alegoria, buscando na personagem indomável do unicórdio, de Leonardo da Vinci, a base para sustentar a existência dos três «unicórnios» que, no fundo, representam as formas de dominação: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. É na discussão destes conceitos que o autor vai explicando o avanço do capitalismo em contraciclo com o refluxo da democracia, fruto dos interesses do capital. É na linha do anteriormente descrito que, a propósito da ação discriminatória, o autor destaca os grupos mais vulneráveis, apelidando-os, metaforicamente, de «Sul». No fundo, estes grupos são vítimas da exploração e do desinvestimento em políticas públicas sociais. Ora, já em 1987 Boaventura, a propósito das políticas de

saúde, destaca a crise do Estado-Providência, isto é, o desvanecimento da capacidade de regulação por parte do Estado, por força da internacionalização da economia. Naquela data, Boaventura recorre a Claus Offe (1975) para justificar este comportamento como resultado da substituição das políticas «distributivas» ou «alocativas» pelas «políticas produtivas». A economia começa a escapar ao controlo do próprio Estado, originando uma crise estrutural do modelo de Estado Providência, a qual se torna perceptível quando visível, ou seja, o Estado deixa de ser o que Adam Smith chama de «mão invisível» (1999).

Em boa verdade, a obra destaca as malfetorias que o ser humano tem desferido à «Mãe Terra», o que acaba por estar em sintonia com a importância dos direitos da quarta geração, isto é, com os direitos ecológicos, em que o coronavírus representa uma espécie de punição pelas agressões e violações de que o homem tem sido responsável. Como um dos eixos fundamentais do capitalismo, a acumulação (mais valias para fins privados), aprofunda as desigualdades, dado que o Estado democrático não tem sido capaz de compatibilizar a acumulação com a legitimação da coesão social, cuja pandemia se converte no exemplo mais didático e pedagógico de nos dar a conhecer quão agudas são as desigualdades impostas pelo capitalismo neoliberal, que desabilitou o Estado criando problemas que ele próprio, posteriormente, não é capaz de resolver.

Em suma, esta «cruel pedagogia do vírus», não poderia ser melhor explicada. Boaventura consegue, de uma forma bastante pedagógica, mostrar como a quarentena do coronavírus não é mais que uma quarentena de uma quarentena maior.

Bibliografía

Piketty, T. (2014). *O capital no século XXI*. Lisboa: Circulo de Leitores.

Santos, B. S. (1987). O Estado, a sociedade e as políticas: o caso das políticas de saúde. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 23, 13-74.

Smyth, A. (1999). *Teoria dos Sentimentos Morais*. São paulo: Martins Fontes.